Dia 24 — Nossa Senhora das Mercês

Martirológio Romano

A festa da bem-aventurada Virgem Maria com o título da Mercê. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos santos mártires Andoche, presbítero, Trso, diácono, e Félix, em Autun; aos quais São Policarpo, bispo de Esmirna, enviou do Oriente a pregar o Evangelho na França, onde, depois de havê-los açoitado cruelmente, os tiveram um dia inteiro pendurados pelas mãos atadas às costas; logo os arrojaram ao fogo, de onde saíram sem lesão; e, finalmente, magoando-lhes a garganta com varas, foram gloriosamente coroados.

O martírio de São Pafnúcio e seus companheiros, mártires, no Egito; o qual, estando no deserto, teve notícia de que havia muitos cristãos nos cárceres e, inspirado de Deus, apresentou-se voluntariamente ao prefeito e com grande ânimo lhe disse que era cristão, o qual mandou que o atassem com cadeias de ferro e o atormentassem por largo tempo no potro. Depois, em companhia de outros muitos, enviou-o a Diocleciano, por cuja ordem o cravaram contra uma palmeira; aos demais passaram a cutelo.

Quarenta e nove santos mártires, em Calcedônia; os quais, depois do martírio de Santa Eufêmia (cuja vida se lê no dia 16 deste mês), foram condenados às feras no tempo do imperador Diocleciano; mas, havendo sido milagrosamente preservados deste tormento, por último, degolando-os, voaram ao Senhor.

São Gerardo, bispo e mártir, na Hungria, chamado apóstolo dos húngaros; o qual, sendo de uma família de senadores de Veneza, foi o primeiro que enobreceu sua pátria com um esclarecido martírio.

A ditosa morte de São Rústico, bispo e confessor, em Auvergne.

São Germaro, abade, na diocese de Beauvais.

Festa de Nossa Senhora da Mercê ou Misericórdia

Entre as florescentes famílias que, sob o título e nome da Rainha dos Anjos, Maria santíssima, Mãe de Deus, militam na Igreja católica, Sua Santidade o papa Paulo V, na bula *Inter omnes vitæ Regularis Ordines*, chamou a Maria santíssima primeira e verdadeira instituidora e fundadora da real Ordem que na Igreja se distingue com a invocação e título de Nossa Senhora da Mercê ou Misericórdia, redenção de cativos; porque, assim como as ilustres religiões de São Francisco, São Domingos e outras reconhecem a seus santos Patriarcas por imediatos e primeiros fundadores, a real e militar Ordem da Mercê reconhece a mesma Rainha dos Anjos por sua verdadeira Mãe e fundadora.

Achava-se a maior e mais rica parte da Espanha oprimida do tirânico domínio maometano, e tinham a inumeráveis cristãos em cruéis masmorras encerrados, não havendo barbaridade que os infelizes não experimentassem. A uns esfolavam vivos, a outros empalavam, a não poucos queimavam as plantas dos pés, a muitos davam morte à violência de pauladas, e todos eram pior tratados que os mais vis animais de carga; sendo maior ainda a desgraça de muitos que, rendidos ao medo de tão cruéis tratamentos, desmaiavam e faltavam à constância da fé.

A Mãe de misericórdia, de quem os espanhóis foram sempre tão devotos e que, estando ainda em vida, havia tomado a Espanha debaixo de sua proteção, quando, aparecendo ao apóstolo Santiago sobre o pilar que até o dia de hoje se venera em Saragoça, segundo a antiga tradição do país, lhe mandou edificar no mesmo sítio uma capela dedicada a seu nome, prometendo-lhe ser especial protetora de uma nação que havia de ser devotíssima sua até o fim dos séculos; a Mãe de misericórdia, volto a dizer, compadecida de tantas misérias como afligiam os pobres cristãos cativos, quis dar ao mundo um ilustre testemunho de sua maternal bondade, fundando milagrosamente uma religião cujo instituto fosse solicitar o alívio e a redenção dos cativos cristãos que gemiam sob a cruel escravidão dos mouros. Escolheu para esta grande obra um de seus mais santos e fervorosos servos, qual foi São Pedro Nolasco, natural de Languedoc, sendo sua família das mais nobres do país, havendo nascido no ano de 1189 num lugar do bispado de Saint-Papoul chamado Mas-des-Saintes-Puelles, a uma légua de Castelnaudary, e em quem pareciam como nascidas nele a singularíssima ternura para com a Mãe de Deus e a compaixão com os miseráveis cativos.

Já dissemos na vida deste grande servo de Deus (que se lê entre as do dia 31 de janeiro) que, animado com os felizes sucessos que experimentou nos primeiros ensaios de sua abrasada caridade, não contente com acrescentar a seus próprios bens as muitas esmolas que pôde recolher de seus amigos, persuadiu a muitos cavaleiros de conhecida piedade que se juntassem com ele para formar uma piedosa congregação ou confraria, dirigida a solicitar a redenção de cativos cristãos, sob o título e a particular proteção da santíssima Virgem.

Começava a piedosa congregação a experimentar os efeitos de seu caritativo zelo em favor dos cristãos cativos, ainda que não sem as contradições que de ordinário têm todas as obras grandes e santas, quando a Rainha dos céus quis dar a toda a Igreja outra nova, mas muito insigne prova da atenção que lhe merecem nossas necessidades e da maternal compaixão com que olha as aflições e os trabalhos dos fiéis. Apareceu a São Pedro Nolasco na noite do primeiro dia de agosto do ano de 1218, ao tempo em que estava o Santo em oração, derretendo-se em lágrimas com a consideração do duro cativeiro de tantos pobres cristãos que, com perigo de sua eterna salvação, gemiam sob a tirania dos bárbaros infiéis. Encheu a Senhora de celestiais consolos seu fidelíssimo servo e lhe disse que não podia fazer coisa mais agradável a seu santíssimo Filho e a si que fundar outra nova congregação com o título de Nossa Senhora da Mercê, para a redenção dos cristãos cativos sob o domínio dos mouros.

Assombrado São Pedro Nolasco com aquela milagrosa visão, exclamou prostrado na terra: «E quem sois Vós, que tendes tão penetrados os segredos de Deus? Mas, e quem sou eu, miserável pecador, para encarregar-me de tamanha empresa?» — «Eu sou Maria, Mãe de Deus, respondeu a Virgem, que trouxe em minhas entranhas e dei à luz do mundo o soberano Redentor de todos os homens, e desejo que haja na Igreja uma nova família que faça singular profissão de resgatar os cativos. Anda e funda esta Religião, que tomo desde logo debaixo de minha proteção. Eu te facilitarei os meios e aplainarei todos os estorvos.» Desapareceu a Virgem, e Nolasco reconheceu-se animado de nova caridade e de mais acendido zelo. Persuadido já da vontade do Senhor, tão descoberta por uma visão em que não podia pôr dúvida, nada teve que discorrer senão em proporcionar os meios para a execução de empresa tão importante. Mas, não se atrevendo a dar passo algum sem consultá-lo primeiro com seu confessor, que o era São Raimundo de Penyafort, encaminhou-se a buscá-lo e lhe referiu singelamente tudo o que lhe havia sucedido na oração. A santíssima Virgem havia revelado o mesmo a São Raimundo, e este lhe declarou que havia tido a própria visão. Confirmados um e outro em que o pensamento era de Deus, foram-se direitos ao palácio para comunicar ao Rei o que intentavam e confiar-lhe ao mesmo tempo a notícia do duplicado milagre. Mas ficaram gostosamente surpreendidos quando, logo que o Rei os viu em seu quarto, se antecipou a contar-lhes uma visão que havia tido; era inteiramente conforme à dos dois; porque, não querendo a Virgem que se pusesse em dúvida um milagre tão grande de sua misericórdia e de sua bondade com os cativos cristãos, dispôs que se confirmasse com três testemunhos tão autênticos. Desde aquele ponto só se pensou em dispor tudo o necessário para a fundação de uma Ordem que se pode chamar milagrosa, havendo devido seu nascimento a tão insigne milagre.

No dia de São Lourenço do mesmo ano, o Rei, acompanhado de toda a sua corte e dos magistrados de Barcelona, passou à catedral, chamada Santa Cruz em Jerusalém, onde subiu ao púlpito São Raimundo e publicou em presença de todo o povo a visão que a um mesmo tempo haviam tido o Rei, Pedro Nolasco e o mesmo Santo, com o que a Mãe de misericórdia lhes havia revelado tocante à fundação de uma Ordem religiosa com o título de Nossa Senhora da Mercê, redenção de cativos. Acabado o ofertório, o rei D. Jaime e São Raimundo tomaram pela mão a Pedro Nolasco e o apresentaram a D. Berenguer de Palou, bispo de Barcelona, que lhe vestiu o hábito branco e o escapulário da Ordem; pouco antes da Comunhão fez o novo Fundador os três votos acostumados de religião e acrescentou o quarto, pelo qual assim ele como todos os que abraçassem o novo Instituto se obrigavam não só a pedir esmola para resgatar os cristãos cativos, mas a ficar eles

mesmos em reféns e por resgate sempre que o pedisse a necessidade. Ao mesmo tempo fizeram também a profissão outros dois cavaleiros, e o Rei cedeu ao santo Fundador a maior parte de seu palácio de Barcelona para que fabricasse o primeiro convento da Ordem e quis que os religiosos levassem sobre o escapulário o escudo das armas de Aragão, às quais acrescentou o Santo, com beneplácito do Rei, a cruz branca que decora o escudo da ilustre catedral de Barcelona, em reconhecimento do favor que nela se recebia, tendo nela princípio a sagrada e militar Religião.

Tal foi o nascimento desta sagrada Religião, tão respeitável por seu milagroso instituto e tão célebre pelos grandes homens que tem dado para a redenção e para o consolo de tantos cativos cristãos. Confirmou-a o papa Gregório IX e honrou-a com crescido número de grandes privilégios, muitas graças e plenárias indulgências a santa Sé apostólica, em reconhecimento de tão insigne e tão heroica caridade. E Sua Santidade o papa Paulo V instituiu a festa da Descida ou Aparição da imaculada Virgem Maria, para que se celebrasse em toda a Religião na Dominga mais imediata às calendas de agosto, como dom dado do céu: e Sua Santidade o papa Inocêncio X aumentou o culto da festividade, concedendo para o rezo oração e lições próprias no segundo noturno, estendendo seu rezo a todos os reinos, domínios e províncias sujeitas ao católico rei da Espanha Carlos II, e depois Sua Santidade Inocêncio XII a toda a Igreja católica, mandando que daqui em diante se pusesse no Martirológio Romano o elogio da aparição de Maria santíssima para a fundação da real Ordem de Nossa Senhora da Mercê, redenção de cativos (veja-se o Martirológio do dia 10 de agosto); e se celebrasse a festa aos 24 de setembro, realçando assim e perpetuando a memória de um benefício tão grande e em ação de graças pela fundação de uma Ordem que ela mesma é um milagre da mais heroica cristã caridade.

Poucos séculos se acharão em que não houvesse cuidado a divina Providência de persuadir aos fiéis por meio de algum sucesso milagroso que a proteção que devemos esperar da Mãe de Deus, sublimada à destra de seu Filho, é ao mesmo tempo a mais poderosa e a mais segura que nos devemos prometer se nos esforçamos a merecê-la. Por isso devemos fazer todos os esforços possíveis para merecer esta proteção com nossa confiança, com nossas orações e com nosso zelo em obsequiá-la e servi-la. Mas e que não deveremos nós fazer por esta Senhora em vista do que esta Senhora faz por nós? Havendo dado ao mundo o Mediador que nos reconciliou com seu eterno Pai, cooperou depois ela mesma em certa maneira à obra de nossa redenção, oferecendo a seu mesmo Filho e sacrificando-o de algum modo pela salvação dos homens. Daqui podemos inferir quão impresso tem na alma o desejo de nossa salvação.

Grandezas da primeira e milagrosa imagem da santíssima Virgem Maria com o título da Mercê

A santíssima imagem que com o título da Virgem da Mercê se venera hoje em dia em Barcelona em seu magnífico templo é a mesma que colocou em seu primeiro altar a mão de São Pedro Nolasco e, por conseguinte, a primeira que tem venerado a Religião Redentora, pelo que se tem

levado sempre os primeiros e mais cordiais carinhos assim desta como do afeto barcelonês. A rara e singular beleza, a peregrina e enamoradora formosura que se admira na dita venerável Imagem é o maior testemunho de ser retrato verdadeiro das mesmas naturais feições do original que muitas vezes apareceu ao dito São Pedro Nolasco. Certamente não há olhos que uma vez com atenção devota hajam visto seu santo e formoso rosto que não fiquem ansiosos de voltar a olhá-lo. Tem gravidade reverente, afabilidade modesta e severidade graciosa. Está sentada numa primorosa e proporcionada cadeira esculpida à antiga; a cor do rosto é branca e corada, e tão lustrosa que mais parece brilhar nele um campo alegre de estrelas que primores da arte, a qual nem com seus mais engenhosos pincéis tem podido tirar cópia bem imitada, porque a experiência de repetidos ensaios tem manifestado que há maravilhosas trocas nas cores de seu rosto, sobrepujando ao lustre que de seu tem outro prodigioso. Tem o cabelo destrançado e solto, caído sobre as costas, atado com uma fita ao igual do pescoço. O vestido é honestamente decotado; os braços caídos, mas levantadas a meio ar as mãos para sustentar o santo Menino. O calçado é pontiagudo ao uso da antiguidade. O Menino é muito parecido à Mãe no lustre do rosto, ainda que não tão corado; é risonho de cara, tem uma mão alongada com o globo do mundo e a outra, que é a esquerda, tem encolhida sobre o peito. Para encher o desejo dos fiéis, que acodem continuamente a beijar as santas mãos de Maria, há um espaçoso e polidíssimo camarim, adornado de belíssimas pinturas e de um primoroso altar, onde se manifestam os preciosos vestidos, que se mudam segundo a diversidade das festas, alfaias de ouro e prata, santas e singulares relíquias, entre as quais é de notar um santo cabelo da Virgem.

Tem sido sempre, e é ainda, a dita santíssima Imagem o universal consolo, o seguro e certo asilo da cidade de Barcelona, cujos condes-reis de Aragão, em suas apertadas urgências, recorreram com esperança constante àquela que sempre o havia sido com eles em consolá-los. Mas não faltou a real piedade e munificência à lembrança destes consolos, pois com dádivas, assistências e privilégios procuraram merecer o nome de agradecidos. O rei D. Jaime I, especialmente, fez sua real capela a dita igreja de Maria, dando a seus religiosos o título de seus capelães, cuja defesa e a da dita sua capela real encomendou ao perpétuo patrocínio dos senhores Conselheiros da dita cidade. Mas não somente ilustrou o dito santuário de Maria o honroso título de Casa e capela real, mas também o glorioso de Câmara angelical, devido pelas mesmas causas, motivos e fundamentos que o gozam as igrejas de Loreto e do Pilar de Saragoça; porque, se o haver ombros de Anjos trasladado a santa casa de Loreto ao lugar onde hoje é venerada a faz angelical, também angélicos espíritos transportaram a dita santa imagem da Mercê de Barcelona desde sua igreja a alto-mar, que tempestuoso ameaçava a perda do dinheiro da redenção e da vida dos Padres redentores, os quais ficaram livres, reduzindo-se obediente o borrascoso mar à vista de Imagem tão singular, cujos vestidos borrifados das águas foram qualificadas testemunhas de maravilha tão extraordinária, havendo sido celestiais os porteiros que o foram da dita igreja ao sair e entrar a milagrosa Imagem. É câmara angelical a do Pilar de Saragoça, já porque nela apareceu Maria ao glorioso apóstolo Santiago, como também pelas músicas celestiais que ali concertaram os espíritos soberanos: na igreja de Maria da Mercê de Barcelona um e outro aconteceu, pois nela a mesma Virgem Maria, acompanhada de sua angélica capela, cantou uma noite as Matinas, às quais assistiu São Pedro Nolasco. Atendendo a estes e outros motivos, a antiguidade tributou à dita igreja de Maria o referido timbre de Câmara angelical, e com razão o prossegue a piedade, já que no logro das mercês de Maria, venerada na dita sua Imagem, não se tem advertido diferença de tempos nem circunstâncias.

Nesta mesma real e angelical capela nasceu o fervor barcelonês, perpétuo defensor da puríssima Conceição da santíssima Virgem, quando na festa deste santo mistério dispôs esta puríssima Senhora que a massa que tinha o padeiro preparada para o sustento dos religiosos ficasse convertida em lodo e sangue, prodígio cuja singularidade moveu Barcelona a mandar que no dia da Santa Conceição de Maria não se acendessem os fornos, como se executou, mas sim os corações de todos em devoção de tão portentoso mistério, cuja defesa vinculou a Virgem a sua religião redentora; herança ditosa, apresentada na candidez de seu hábito.

O continuado patrocínio de Maria santíssima da Mercê para com a cidade de Barcelona é confirmado pela profecia de São Pedro Armengol, o qual em vida, para consolar os barceloneses que se opunham a sua partida para uma solidão, lhes prometeu o perpétuo consolo na dita imagem de Maria, promessa não violada, pois não tem havido em Barcelona peste, terremotos, secas nem outros lastimosos sucessos que não tenham processionalmente visitado os senhores Conselheiros, na antiguidade, e a Câmara Municipal, nestes tempos, a dita Câmara angelical com experimentados remédios. No ano 1652 ficou vencida a horrorosa peste que oprimia Barcelona. No de 1680 desatou as cataratas do céu, que soltas deram copiosa chuva. No de 1687 chorava Barcelona e toda a Catalunha o miserável estrago da voraz praga de gafanhotos: em lance tão apertado valeu-se o sábio Conselho de Cento de sua acostumada prudência, aplicando meios terrenos para o remédio e buscando a um mesmo tempo os espirituais, os quais deixou à acertada proposição das santas comunidades. Todas propuseram meios muito proporcionados para a reforma dos costumes e extinção dos pecados; também foram propostos muitos Santos para implorar seu patrocínio em praga tão singular; mas a santíssima Virgem, como tão mãe de Barcelona, quis dispor que a ela havia de dever tudo a sua cidade, inspirando ao sábio Conselho que recorresse com fé viva a seu acostumado patrocínio, ao qual unânime e conforme se sujeitou na noite de 25 de setembro de 1687, não instado, não prevenido, mas movido de superiores impulsos, aos quais corresponderam com um sábio, pio e caritativo decreto que executaram os senhores Conselheiros no sábado 18 de outubro do mesmo ano, em cujo dia, à tarde, mostraram o inato afeto barcelonês a tão celestial Princesa. Passaram com o acompanhamento de costume à dita real capela e angélica câmara de Maria santíssima da Mercê, ante cuja Imagem, prostrados humildes, lhe suplicaram que se mostrasse em necessidade tão urgente Padroeira e Mãe de todos, brindando-a com o dulcíssimo hino *Ave maris stella* e repetindo por três vezes o piedoso verso *Monstra te esse Matrem*. Subiram logo os senhores Conselheiros ao santo camarim de Maria, a cujos pés humildemente prostrados e suas benditíssimas mãos adoradas, lhe colocaram na direita a mesma deliberação e decreto do sábio Conselho de Cento, renovando o antigo patronato desta celestial Senhora, à qual todo o povo venerou naquele instante avisado da artilharia que desde os muros disparou fazendo salva. Saudaram a Maria olhos, lábios e corações, pois os cidadãos seus filhos lhe ofereceram lágrimas, louvores e desejos. Ficou na mão de Maria a petição da cidade, ficando esta já assegurada do consolo que imediatamente se experimentou, pois desde então não se viu gafanhoto algum, quando antes se entrava até os mais retirados retretes das casas. Mas como havia de ficar sem feliz despacho petição tão piedosa e, pelas circunstâncias, tão humilde e exemplar? Língua foi poderosa o decreto do sábio Conselho de Cento colocado na mão de Maria, que de dia e de noite clamava sua intercessão; mas emudeceu ao cabo de um ano em que o entregou despachado a santa imagem de Maria aos senhores Conselheiros, que agradecidos o tomaram de sua liberalíssima mão, com repetidas e alegres adorações, acompanhadas de uma

solenníssima festa que se seguiu em ação de graças de tão singular benefício perpetuado na memória de todos com uma lâmpada de primorosa e singular arquitetura, que a gastos da cidade arde (ou ardeu até o ano de 1808) de dia e de noite diante da santa Imagem; para cujo assento ofereceram um trono admirável também de prata com as armas de Barcelona, postas sob as plantas de Maria, como que a ela se sujeitam as necessidades todas, não só da cidade, mas de todo o Principado, para o qual igualmente implorou seu patrocínio a cidade, como cabeça daquele, que se viu ao mesmo tempo remediado. Ficando também memória eterna do milagroso sucesso com a perpetuidade de uma pomposa festa que a dita cidade reconhecida lhe votou para o dia 2 de agosto, e o grandioso quadro representativo do prodígio que subsiste na sacristia.

São Dalmácio, Confessor

São Dalmácio Moner, decoroso ornamento da Ordem de São Domingos, nasceu num dos povos do principado da Catalunha chamado Santa Coloma de Farnés, pouco distante da cidade de Girona. Seu pai foi lavrador e muito abastado, e sua mãe de linhagem militar. Quando teve a idade competente foi enviado a estudar na cidade de Girona; advertindo, empero, que a pátria, a abundância de tudo o necessário e as frequentes visitas dos parentes costumam fazer dano aos moços, logo fez resolução de ausentar-se e ir a Montpellier, onde florescia muito o estudo geral. Empregou ali muito bem o tempo, assim no tocante às letras como no pertencente à alma, frequentando igrejas, fugindo de passeios, dando-se à meditação e servindo a Deus com singeleza de coração. Sendo já de vinte e dois anos cumpridos, considerando por uma parte a astúcia do inimigo, que afaga quando mata, e por outra a medicina de Cristo, que, ainda que temporalmente maltrata, eternamente regala, determinou fazer-se religioso da Ordem dos Pregadores; e, não querendo dilatar o cumprimento de sua vocação, pôs-se logo a caminho de Girona e no convento que a Ordem Dominicana tem na dita cidade vestiu o santo hábito quando contava vinte e três anos de idade.

Nenhum noviço começou com mais fervor a carreira religiosa nem nenhum deu maiores provas de sua verdadeira vocação que Dalmácio, pois desde logo manifestou no claustro todas as virtudes que havia cultivado no século. Sua profunda humildade, sua cega obediência, sua pureza angélica, sua modéstia singular, sua pontual assistência aos ofícios divinos e suas extraordinárias mortificações, fora das regulares que prescreve o instituto Dominicano, deram a conhecer a todos os religiosos o curso veloz com que corria, se não voava, pelo caminho da perfeição a que era chamado. Fez sua solene profissão, mas não deixou o fervor do noviciado; antes bem o aumentou no discurso de sua carreira. Quiseram os religiosos aproveitar-se dos raros talentos do Santo para a instrução dos jovens, a cujo fim lhe mandaram que ensinasse filosofia: obedeceu Dalmácio e no aproveitamento de seus discípulos acreditou o alto conceito que todos tinham de sua pessoa; mas, como ofendia sua profunda humildade toda distinção, não quis dali em diante nem ser lente nem prelado, mas viver sempre com estranha lhaneza e simplicidade, assim do coração como do corpo, para melhor desta sorte resistir ao pestilencial vício da vanglória. Renunciou aos dois anos aquele magistério e toda prelazia, não com outro objeto que o de dedicar-se aos ofícios mais baixos e mais desprezíveis da comunidade, para rebater por este meio todo impulso de glória vã. Quiseram visitá-lo muitas pessoas principais, para desfrutar seus saudáveis conselhos; e, como o que

desejava o Santo era o desprezo, ou não as ouvia ou lhes respondia tão secamente que não voltavam a molestá-lo. Assim aconteceu uma vez ao infante D. Pedro, filho do rei de Aragão D. Jaime II, e conde então de Ampúrias; outra ao visconde D. Bernardo de Cabrera; outra a D. Pedro, bispo de Girona. Sobretudo aborrecia a conversação das mulheres de qualquer estado ou condição que fossem, tanto que, se por necessidade ou mandado da obediência se via na precisão de falar-lhes, era com os olhos fixos na terra, não articulando mais palavras que as precisas, sem que excetuasse desta regra nem sequer suas próprias irmãs, conservando deste modo a inocência que recebeu no Batismo.

Ainda que todo o conjunto das virtudes ditas fizeram Dalmácio digno objeto dos mais altos elogios, o que mais encheu de admiração a quantos o conheceram foi o rigor de suas assombrosas mortificações: seu regular alimento eram legumes cozidos sem condimento, com um pouco de pão de cevada ou de milho, e se alguma vez era de trigo, elegia o mais duro ou mal cozido; e, quando, ou no convento ou fora dele, lhe punham algum manjar delicado, logo lhe lançava ou água fria ou cinza para tirar-lhe o bom gosto. Maior foi sua mortificação na bebida, pois chegou o caso, nos mais ardorosos calores do verão, de abster-se de água por espaço de dez, doze e quinze dias, sendo assim que sua compleição era tão árida e tão colérica que até no rigor do inverno via-se na precisão de descobrir a cabeça ao ar gelado, ou banhá-la com água do tempo, ou de pôr na boca do estômago uma pedra fria: em suma, sua abstinência chegou a tal extremo que todos criam, não sem grave fundamento, que vivia por milagre. A isto acrescentava suas contínuas vigílias, passando todas as noites em fervorosa oração, na contemplação das grandezas divinas e das verdades eternas; para cujo exercício elegia de ordinário algum lugar desimpedido onde pudesse ver os céus e as estrelas, a fim de mover-se com mais fervor a louvar e a bendizer o Criador do firmamento.

Não satisfeito o servo de Deus com as mortificações referidas, outras muitas com que afligia seu inocente corpo, obteve licença dos superiores para retirar-se à gruta de Marselha, onde habitou Santa Maria Madalena, a fim de imitar a penitência que nela fez aquela celebérrima heroína. Passou ali algum tempo com uma vida tão rígida que renovou em sua pessoa aquelas espantosas imagens que nos refere a história dos mais famosos solitários do Oriente; bem que o Senhor adoçava estes rigores com o dom de contemplação que se dignou conceder-lhe; sendo sua oração quase contínua e seu sono tão breve que apenas interrompia seus exercícios devotos.

Ainda que os desejos de Dalmácio eram permanecer sepultado naquela horrorosa gruta até a morte, não podendo sofrer seus irmãos que estivesse ausente de sua vista, precisaram-no a voltar ao convento; e, para que não se frustrasse de todo seu bom propósito, permitiram-lhe, com aprovação do superior, que habitasse numa cova dentro dos limites do mesmo mosteiro, aberta numa pedra viva, úmida, fria e impenetrável aos raios do sol. Encerrado o Santo naquele lôbrego calabouço, que mais parecia sepulcro que habitação para homem algum, permaneceu por espaço de quatro anos todo ocupado em Deus e no exercício de suas acostumadas penitências, sem deixar sua amada solidão, a não ser pelos atos precisos da observância religiosa. Ali visitavam o servo de Deus os celestiais espíritos com tanta frequência que o chamavam comumente o familiar dos Anjos. Estes e outros muitos favores com que o regalava o Senhor o abrasaram de tal modo em divinos incêndios que, não podendo contê-los dentro do peito, desafogava-se com ternas lágrimas, arrebatando-se quase de contínuo em doces amorosos êxtases, que não deixavam a

menor dúvida dos celestiais consolos em que se achava anegado seu coração. A todos estes irrefragáveis testemunhos de sua eminente virtude deram muitos realces os dons de profecia e de milagres com que quis Deus manifestar a santidade de seu servo, em comprovação dos quais referem os escritores de sua vida não poucos de seus vaticínios cumpridos à letra, com muitas milagrosas curas de diferentes enfermos.

Finalmente, consumida a saúde de Dalmácio ao rigor de suas excessivas penitências, caiu numa perigosa enfermidade e, conhecendo por ela que se aproximava o tempo de pagar o tributo imposto aos mortais, fez esforços extraordinários para purificar sua inocência nos últimos instantes que lhe restavam de vida; e, fortalecido com os últimos Sacramentos, morreu tranquilamente no dia 24 de setembro do ano 1341, aos cinquenta de sua idade e vinte e sete de religioso. Estava em vida o servo de Deus árido, seco e sumamente desfigurado à força de suas rigorosas penitências, tanto que parecia um esqueleto animado; mas logo que morreu apareceu branco, formoso e resplandecente, despedindo de si um odor suavíssimo. Pregou a oração fúnebre, ou por melhor dizer seu panegírico, Fr. Bernardo Seseala, varão literato e veraz, o qual por disposição do confessor do Santo disse em seu elogio que no discurso de sua vida se manteve incorrupto na alma e no corpo, sem que jamais consentisse em culpa grave. Os religiosos deram sepultura ao venerável corpo em seu convento de Girona e, crescendo cada dia a devoção dos fiéis, foi trasladado do primeiro depósito à capela e ao altar de sua invocação, que se lavrou no mesmo mosteiro, onde se lhe tributa a veneração devida ao alto conceito de santidade que mereceu por suas heroicas virtudes e por seus muitos milagres. Desejava toda a Ordem de São Domingos que se aprovasse pela Santa Sé o culto imemorial do servo de Deus e, feita sobre ele a informação competente no ano 1603, remeteu-se ao papa Paulo V para que o confirmasse. Não teve o desejado efeito por então a pretensão de Girona; mas sim no pontificado de Inocêncio XIII, como testifica o papa Bento XIV, que exercia à sazão o ofício de promotor fiscal em Roma; o qual escreve que, formados os processos apostólicos sobre o culto de Dalmácio pelos anos 1714, dada que foi a sentença pelos juízes delegados sobre ser constante de imemorial, aprovou-se pela sagrada Congregação de Ritos e se confirmou pelo expressado Inocêncio em 13 de agosto.

Missa (oração)

A missa é em honra da santíssima Virgem, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui per gloriosissimam Filii tui Matrem, ad liberandos Christi fideles a potestate paganorum, nova Ecclesiam tuam prole amplificare dignatus es: præsta, quæsumus, ut quam pie veneramur tanti operis Institutricem, ejus pariter meritis et intercessione, a peccatis omnibus et captivitate dæmonis liberemur. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que, para livrar os cristãos do poder dos infiéis, vos dignastes aumentar em vossa Igreja uma nova família por meio da gloriosíssima Mãe de vosso preciosíssimo Filho, suplicamo-vos nos concedais a graça de que nos livremos de todos os pecados e do cativeiro do demônio por meio e pela intercessão daquela a quem veneramos com devoção como Fundadora deste sagrado Instituto. Pelo mesmo Senhor nosso Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico.

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** 14 Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. 15 Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. 16 Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: 14 Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. 15 E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. 16 E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Reflexões

Estabeleceu-se meu poder em Jerusalém, e arraiguei-me naquele povo que o Senhor honrou com especial benevolência e com bondade particular. Esta é uma das razões daquela piedosa inclinação que todos os verdadeiros fiéis têm à devoção, ao culto e à confiança na santíssima Virgem. Nasceu esta terna devoção com a mesma Igreja e é inseparável do espírito de nossa Religião. Não há Santo no céu que não houvesse sido ardente e zeloso servo da Mãe de Deus; reina e reinará sempre Maria no coração de todos os escolhidos: *In electis meis mitte radices.* Quando Deus escolheu Maria para Mãe de seu Filho, fê-la soberana protetora e Mãe de todos os verdadeiros fiéis. Daqui nasce sem dúvida aquela indiferença, aquela frieza, aquela aversão de todos os réprobos, de todos os inimigos da Religião contra a Mãe de Deus. Deslumbra-os seu resplendor, e não podem sofrer sua luz os olhos débeis e achacosos. As almas que se arrastam pela terra não podem levantar-se a olhar sua elevação e sua grandeza. Mas os verdadeiros fiéis, à imitação das celestiais inteligências, não cessam de publicar seus louvores, reconhecendo todos que, depois de Jesus

Cristo, toda a nossa devoção, toda a nossa veneração e toda a nossa confiança deve colocar-se em Maria. «Quando Aarão, com o incensário na mão, se arroja em meio ao povo para que o fogo do céu não o reduza a cinzas, então se deixa Deus aplacar pelo incenso», diz um grande servo do Senhor. Até o mesmo Senhor, quando no furor de sua ira parece resolvido a exterminar seu povo em castigo de suas maldades, busca um só homem justo que aplaque sua indignação e se queixa de que não possa encontrá-lo: *Quæsivi de eis unum qui interponeret sepem, et staret oppositus contra me pro terra ne dissiparem eam, et non inveni.* Não me admiro, não, ó Pai das misericórdias. Ainda não havia nascido Maria naqueles desgraçados tempos; ainda não havíeis concedido ao mundo tão poderosa medianeira; mas, depois que tivemos a dita de lográ-la, quantas vezes aplacou vossa justa indignação! Quantas deteve vosso braço vingador! Quantas se pôs entre Vós e o pecador, apresentando-vos as lágrimas que nos fazia derramar o arrependimento; conseguindo o perdão de nossas culpas e forçando, por assim dizer, vossa providência a explicar-se em milagres e em prodígios para dar-nos a salvação! Ditosa, pois, a alma que colocou em Maria sua confiança; ditosa a que, venerando profundamente o Filho, aprendeu desde sua infância a implorar a proteção da Mãe; a que nunca separou em seu coração um do outro, nem, movida de certo enganoso zelo, se privou miseravelmente de um dos mais poderosos e mais eficazes meios que temos para salvar-nos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,27-28

> **Latim:** 27 Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. 28 At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: 27 E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. 28 Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Sobre os bens que a santíssima Virgem procura a seus verdadeiros devotos

Primeiro ponto

Considera o que diz Santo Antonino acerca da devoção com a santíssima Virgem. Aplica-lhe este grande servo seu o que diz Salomão da sabedoria, símbolo da mesma Senhora segundo o Espírito Santo: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa, et innumerabilis honestas per manus illius*: vieram-me com ela todos quantos bens podia desejar; foram sem número as honras e as graças de que me encheu. Isto mesmo podem dizer os verdadeiros devotos da Virgem. Os bens temporais só se chamam bens por analogia; são bens aparentes, superficiais, caducos e sempre insuficientes. Nenhum é capaz de encher nosso coração, e nenhum há que não o altere. Os verdadeiros bens do homem são os espirituais, bens que satisfazem, bens sólidos, bens que verdadeiramente o são para o tempo e para a eternidade. Tais são as graças do Redentor, todas de infinito preço; a inocência, a devoção, as virtudes, o vencimento das paixões e das tentações, as obras de virtude, o perdão dos pecados, a perseverança no bem e a graça final. Estes são os bens que se devem estimar, os que merecem chamar-se bens do homem, os únicos que são dignos de nossos desejos e objeto nobre de nossa cristã ambição. Estes são também os que nos granjeia a verdadeira devoção com a santíssima Virgem, tesoureira e distribuidora da graça do Redentor, como a chamam os Santos. Em quem os derramará esta Mãe de misericórdia senão em seus queridos filhos, em seus fervorosos e fiéis servos? Quem se poderá lisonjear de ter mais parte neles senão os que a amam com ternura, os que a honram com zelo e os que se dedicam a servi-la com amor e com fidelidade? Assim como o pecado esfria e apaga a devoção à Virgem, assim a graça e a inocência a vigoram e a fomentam. Maria não admite em seu serviço senão almas verdadeiramente puras; e por isso a verdadeira devoção à Virgem se reputou sempre por um sinal pouco duvidoso de uma vida verdadeiramente cristã; sendo esta mesma vida fruto da mesma devoção e efeito da especial proteção da Mãe de Deus: *Non sic timent hostes visibiles hostium multitudinem copiosam*, diz São Bernardo, *sicut aereæ potestates Mariæ vocabulum et patrocinium.* Não temem tanto os homens a um numeroso exército de inimigos como as potestades do inferno só o nome e a proteção de Maria. Todo devoto desta Senhora tem direito de lisonjear-se desta proteção; nenhum deixa de experimentar seu poder quando se oferece a ocasião. Oh bom Deus, e que auxílio tão poderoso é contra todas as tentações a devoção com a santíssima Virgem!

Segundo ponto

Considera que a santíssima Virgem é o refúgio dos pecadores e, como tais, lhes consegue o perdão dos pecados. Uma de duas: ou se deixa de ser pecador ou se deixa de ser devoto de Maria. Esta amável Mãe de misericórdia aborrece o pecado; mas ama com ardente caridade os pecadores e lhes alcança sua conversão. A ela devem aquelas graças prevenientes, aquelas graças eficazes que os movem a converter-se. Podendo tudo com seu querido Filho, em nada emprega com mais gosto seu poder que em favor destas almas descaminhadas. Grande consolo para os pecadores achar em Maria não só asilo seguro contra os raios da justa cólera de Deus, mas também uma advogada poderosa. Daqui nascem todas aquelas graças que acompanham a verdadeira devoção; daqui aqueles prodígios de conversão que não querem crer os inimigos de Maria e experimentam em si seus fiéis servos. Mas, sendo tão favorável e tão benéfica com os pecadores, que não faz

com os justos? Que graças, que favores não lhes alcança do céu? Que maravilha é, à vista disto, que os maiores Santos da Igreja houvessem professado tão terna e tão acesa devoção à santíssima Virgem, nem como podiam deixar de ser tão grandes Santos professando-a tão acesa e tão terna devoção? *Ego diligentes me diligo.* Ama a Virgem os que a amam, segundo a expressão da Escritura, que aplica a Igreja à Mãe de Deus. Que graças, que proteção, que favores não devem esperar desta fonte de bondade? Que auxílios na vida e que amparo na hora da morte? Aquela graça final que nunca se pode merecer e é como o selo de nossa predestinação; aquela última graça de que depende a eterna felicidade é o mais precioso dom que a Virgem alcança de Jesus Cristo em benefício de seus fiéis e fervorosos servos. Por esta razão a faz a Igreja e nos exorta a nós a que sem cessar façamos esta oração: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostræ. Amen.*

Fazei-o assim, Virgem santíssima, rogai por mim; e sobretudo alcançai-me a graça de que vos ame, de que vos honre e de que vos sirva sem afrouxar e sem entibiar-me todos os dias de minha vida, para conseguir por vossa intercessão a perseverança final na hora da morte.

Jaculatórias

Dignai-vos, ó Virgem santíssima, alcançar-me graça para amar-vos e para cantar vossos louvores por todos os dias de minha vida. (Eclo.)

Santa Maria, socorre os aflitos, alenta os pusilânimes, enxuga as lágrimas dos que choram, roga pelo povo, empenha-te pelo clero, intercede pelo devoto sexo feminino. Sintam, enfim, os efeitos de tua proteção todos aqueles que cantam sem cessar teus louvores. (*Ecclesia in festiv. Mariæ.*)

Propósitos

1. Se a Igreja encontrou no título de Mãe de Deus um objeto tão digno de veneração que propor ao respeito de todos os fiéis, no mesmo título achou também outra coisa de maior consolo e de maior edificação para todos nós. Nele descobriu aqueles imensos tesouros de graças que oferece a todos os seus filhos. Nele achou uma medianeira que tudo pode, um asilo que se franqueia a todos os pecadores, uma mãe cheia de ternura, como já dissemos, para com todos os homens. Tendo sempre à vista estes motivos de devoção e de confiança, não só deves recorrer à Virgem em todas as ocasiões, mas dar provas práticas de teu zelo por seu culto; de teu zelo e de teu amor em todas as horas do dia. É devoção muito proveitosa e muito familiar a seus verdadeiros servos rezar a *Ave Maria* sempre que soa alguma hora. Toma desde logo esta devoção, que sem dúvida é muito agradável à Mãe de Deus e de grande utilidade espiritual para os fiéis.

2. Excita em teu coração algum zelo pela redenção dos cristãos cativos. Coisa estranha é que os fiéis mais aflitos sejam os mais esquecidos. Entre os infiéis da Berberia não têm que esperar alívio nem consolo. São cativos precisamente porque são cristãos: o lastimoso estado em que se acham é capaz de enternecer os corações mais duros; pior alojados e pior tratados que os animais mais

vis; todo o dia puxando o carrinho ou trabalhando nas obras públicas de maior fadiga e tratados como cães, sem outro sustento, por comum, que o que sobra do que se dá a estes animais domésticos. Só lhes é lícito padecer sem conceder-se-lhes a liberdade de queixar-se. Cada instante em perigo de apostatar, pois se os maltrata para obrigá-los a renunciar a fé e abandonar a Religião, e tudo sem consolo e sem alívio. Os pobres e os miseráveis que vivem dentro das povoações cristãs vêm por si mesmos expor-nos suas necessidades; mas nossos irmãos cativos carecem deste consolo. É grande dureza esquecê-los porque não podem vir representar-nos sua miséria. Tem muita compaixão daqueles pobres abandonados. Não podes fazer esmola mais cristã nem mais grata a Deus e à santíssima Virgem. Faze esforços de caridade para socorrê-los. Em todos os povos há cepos e caixas para a redenção: lança nelas largamente toda a esmola que puderes; algum dia saberás que com ela conservaste a vida e a fé de algum miserável cativo. Talvez não há obra de misericórdia que seja mais agradável aos olhos de Deus. «As piedosas leis da Espanha anulam os testamentos em que não se deixa alguma esmola para a redenção e para a santa casa de Jerusalém, que também se deve considerar em certa espécie de cativeiro. Com nenhuma outra necessidade se pratica semelhante demonstração; sinal certo de que nossos religiosos legisladores reputaram esta pela maior e mais urgente. Não te contentes, como o fazem tantos, com deixar assinalada uma mesma quantidade para cumprir com a casca da lei; isto em rigor mais é eludi-la que observá-la. Conforma-te com seu espírito mais que com sua letra e, quando estiveres para comparecer diante de teu Redentor, acredita em tua última disposição que queres imitá-lo seriamente no ofício de resgatador.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:54 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:54 by Admin